



# ESPAÇO MARIANO



- **O Culto a Maria Mãe de Jesus e nossa Mãe 2º Aspecto**
- **O Seguir Jesus no Evangelho de São Mateus**
- **A oferta de si pelo bem do próximo**

CONGREGAÇÃO DAS SERVAS DE MARIA REPARADORAS  
Centro de Espiritualidade Maria, Mãe da Vida  
Rua Olinda Ellis, 433 / Campo Grande - Rio de Janeiro/RJ  
Tel.: (21) 3394-1146 / 3394-1209  
Site: [www.congregacaosmr.com.br](http://www.congregacaosmr.com.br)

Ano 2020

## APRESENTAÇÃO

Neste tempo específico que estamos vivendo, consequência da Pandemia e diante também de outros problemas que atingem profundamente a sociedade, somos chamados/as à reflexão, oração e ao discernimento, pois, a experiência desta *pausa* prolongada que todos foram obrigados/os a se submeter, manifestou o quanto o ser humano é vulnerável, mas também a existência do amor de Deus Pai em favor de todos aqueles e aquelas que se abrem para acolher a sua misericórdia! Portanto, continuemos com alegria e empenho acolhendo a reflexão sobre a mulher acolhedora do Espírito Santo, a Virgem Maria, que Irmã Monica nos oferece. Ela, de fato, ajuda aprofundar como a Palavra de Deus chega a Maria de Nazaré, ou seja, através de uma experiência profunda de Deus. É exatamente desta experiência que Maria, Mãe de Jesus, descobre a sua missão junto ao Filho, pelo bem de todos os seres humanos.

Nesta direção, também Irmã Mercedes aponta um caminho claro para o seguimento de Jesus que não se trata simplesmente de uma ideia: a vida cristã é *seguimento* que se realiza na entrega livre e amorosa da própria vida no anúncio constante dos valores do Reino de Deus em todos os tempos. Então, também na escuridão do COVID 19, somos convocadas/os, a buscar o sentido mais profundo da nossa vida cristã!

Temos a alegria de apresentar também a reflexão de Silvia Andreotti, uma leiga de Ádria (Rovigo), comprometida na vida cristã, que acolheu, interiorizou e transmite-nos a experiência de Maria Inglese, depois, Irmã Maria Dolores Inglese, que, por ser sensível e aberta à graça de Deus, assimilou o dom do amor e da misericórdia divina. E, a exemplo Maria, a Mãe Dolorosa junto à Cruz do Filho, Maria Dolores Inglese também assimilou e viveu com intensidade a oferta de si mesma pelo bem do próximo; ela exorta todas/os e a deixar-se *olhar* e *inspirar* por Maria, no serviço de amor e de reparação.

A redação

## I

### O CULTO À MARIA, MÃE DE JESUS E NOSSA MÃE SEGUNDO ASPECTO

Continuando o estudo e reflexão de ESPAÇO MARIANO, n.1 Ano XI, 2020, à luz do Documento *O Culto à Virgem Maria*, promulgado pelo Papa Paulo VI: *Marialis Cultus* (MC), neste número propomos o aprofundamento do segundo aspecto sobre “A piedade da Igreja para com a bem-aventurada Virgem Maria, elemento intrínseco do culto cristão” (MC 56). E, por estar falando de uma grande mulher, iniciaremos com uma grande mulher, Cora Coralina: “... *que voltou para espiar a bica d’água no porão, para se surpreender com as pequenas flores que insistem em nascer pelas “frinchas” de pedra do quintal*”.

Iluminadas/os pela feliz intuição de voltar “para espiar a bica d’água no porão” e surpreender-se com as pequenas flores que insistem nascer aqui e acolá, faremos um vai e vem com a Palavra de Deus, com Maria, com seu Filho, com aqueles e aquelas que escreveram sobre Ela e Jesus, entraremos nas “frinchas” possíveis, lembrando que *liturgia*, em grego, significa *serviço público*, porque interessa-nos profundamente como Família Servita, exercitar a clareza sobre Jesus na sua missão, qual liturgo do Pai. De fato, além de interesse, é missão de quem ama a Mãe de Jesus, Maria de Nazaré, exercitar a clareza no conhecimento do Filho, no seu serviço público, quais mulheres e homens de fé no seguimento como Ela e, nesse aprofundar, reorganizar a devoção, a partir do grande liturgo, seu Filho, seu e nosso Mestre. Apresentamos assim, esse segundo aspecto a respeito de Maria.



Observemos como Ele se moveu na apresentação de quem era sua mãe:

- No evangelho de Mateus, soube *indicar com o gesto*;
- No evangelho de Marcos soube *olhar ao seu redor*;
- No evangelho de Lucas, soube *responder*.

A partir da prática/serviço de Jesus, a vida cristã dos inícios não a transcurou, mas perseverou... Hoje, é nossa vez de continuar a servir e anunciar tudo isto aos que virão; ser liturgos e liturgas, a exemplo de Maria, Mãe de Jesus.

Observemos atentamente os verbos: *ouvir, fazer, praticar* a Palavra de Deus. Estes foram ditos ao público, pelo Mestre, indicando o jeito de ser ou de quem se assemelharia à sua Mãe:

= Marcos 3, <sup>35</sup> “Quem *faz* a vontade de Deus, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe”.

= Lucas 8, <sup>21</sup> Ele lhe respondeu: “Minha mãe e meus irmãos são aqueles que *ouvem* a palavra de Deus e a *praticam*”.

= Mateus 12, <sup>50</sup> “Pois, quem *faz* a vontade de meu Pai que está nos céus, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe”.

É de fundamental necessidade mergulhar nesse ambiente indicador, as citações acima das Primeiras comunidades, pois são base para orientarmos pessoas desejosas ou curiosas: os Grupos da Associação “Nossa Senhora das Dores” e outros do nosso convívio pastoral, familiar e profissional.

Entretanto, a liturgia oficial da Igreja Católica utiliza-se de alguns textos dos evangelistas em determinados momentos, seguindo orientações próprias dos especialistas. Mas, conhecendo a riqueza dos detalhes da primeira comunidade, escritos por Lucas, cujas narrações são utilizadas nas várias solenidades, festas e memórias marianas, ressaltou uma das citações do nosso caminho de seguidoras e seguidores, onde Maria é *a liturga*, isto é, ela exerce seu serviço ao público, aos seres humanos. A partir desse evangelista, para nós, inicia-se um tempo de reconhecimento do serviço à humanidade, como afirmam Carlos Mesters e Francisco Orofino no comentário sobre o emblemático texto de Lucas 1, 26-38:

*A Palavra de Deus chega a Maria não por meio de um texto bíblico, mas através de uma experiência profunda de Deus, manifestada na visita do anjo. Foi graças à ruminância da Palavra de Deus que ela foi capaz de perceber a Palavra viva de Deus na visita do anjo.*

1,34 => *Maria tem consciência da missão importante que está recebendo, mas ela permanece realista. Não se deixa embalar pela grandeza da oferta e olha a sua condição.*

1, 38 => *“Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua Palavra”. Maria usa para si o título de serva, empregada do Senhor. O título vem de Isaías, que apresenta a missão do povo não como um privilégio, mas sim como um serviço aos outros povos (cf Is 42,1-9; 49,3-6). E mais tarde, Jesus, o filho que estava para vir, não para ser servido, mas para servir!” (Mt 20,28), aprendeu da Mãe!*

É urgente descobrir a intrínseca conexão entre o Criador que se comunica, seu povo que O acolhe e O descobre e por isso O nomeia, celebra, divulga, ritualiza essa experiência, para continuarmos na percepção do serviço ao público, no significado grego de liturgia! Pois bem, ao longo do tempo com outros povos, com os próprios ritos, seus deuses..., escravidão, libertação, esperança, espera..., surge a transmissão purificada do serviço público/liturgia de Deus para com seu povo. E este para com o Deus único, verdadeiro e Criador “o Deus fiel de geração em geração sobre aqueles que o temem”. É o Deus ouvinte por excelência, que disse faça-se, que praticou a saída de si. São expressões divinas na Tradição do povo que O escolheu e do qual nós fazemos parte: “Também sou teu povo Senhor...”, assim cantávamos, há algum tempo nas procissões, nas celebrações. E esses também são os verbos utilizados por Jesus – observe acima as citações – escritas pelos evangelistas Mateus, Marcos e Lucas, quando Ele responde quem é sua mãe e que Ele aprendeu da Mãe!

Aprofundar a estreita e indissolúvel ligação, a inerente pertença entre Deus, seu povo, e o esperado do seu povo, Jesus de Nazaré, nesse exercício de perceber Maria de Nazaré,

também pessoa representativa na perspectiva de Lucas, é prestarmos um serviço público, liturgia. Para nós, Família das Servas de Maria Reparadoras, cujo carisma nos propõe *Reparar* com amor, por amor e no amor. E no amor, não há outro caminho a não ser estarmos ao lado de Maria no seguimento do seu Filho, como as primeiras discípulas e os discípulos:

Ø Mc 3, 31a “...*chegam sua mãe e seus irmãos...*”

Ø Jo 2, 1c “... *e mãe de Jesus estava lá.*”

Sem sombra de dúvida alguma, nós cristãs e cristãos possuímos a Palavra como luz perene para nossa vida, devoção, piedade e, conseqüentemente, conhecimento sobre Maria de Nazaré, a mãe de Jesus. Além disso, a Exortação Apostólica de Paulo VI, *Marialis Cultus*, é um dos melhores documentos do Magistério da Igreja e nos dá suporte para embasarmos e podermos afirmar a nossa “missão ao público”.

Caminhemos por algumas “frinchas” deste documento sobre o culto à Bem-aventurada Virgem Maria, para um maior esclarecimento e, seguramente, servir melhor.

*Marialis Cultus*, Capítulo I n.10: “... A Prece Eucarística III, que exprime com intensa súplica o desejo dos que oram, de compartilhar com a Mãe a herança de filhos: Que Ele “faça de nós uma oferenda permanente para vós (Pai), a fim de alcançarmos a vida eterna, com os vossos santos com a Virgem Maria Mãe de Deus”. Uma tal evocação cotidiana, pelo lugar em que foi colocada, no coração do Sacrifício divino, deve ser considerada forma particularmente expressiva do culto que a Igreja tributa à “Bendita do Altíssimo”.

*Marialis Cultus*, Capítulo I n.7, primeiro parágrafo: “Devem ser consideradas também, antes de mais, aquelas celebrações que comemoram eventos “salvíficos”, em que a Virgem Maria esteve intimamente associada ao Filho...”;

*Marialis Cultus*, Capítulo I n.7, segundo parágrafo: “Se evoca, de fato, a memória, ao mesmo tempo, do Filho e da Mãe; quer dizer, é a celebração de um mistério da Salvação operado

por Cristo, em que a Virgem Santíssima esteve a Ele intimamente unida, como Mãe do Servo sofredor de Javé e como executora de uma missão respeitante ao antigo Israel, e, ainda, qual exemplar do novo Povo de Deus, constantemente provado na fé e na esperança, pelo sofrimento e pela perseguição” (cf Lc 2,21-35).

*Marialis Cultus* Capítulo I n.1, segundo parágrafo: “Quando a Liturgia, depois, volve o seu olhar quer para a Igreja primitiva, quer para a contemporânea, aí encontra, amiúde e sem esforço, Maria: nos primórdios, como presença orante, juntamente com os Apóstolos”.

*Marialis Cultus* Capítulo I n. 15, segundo parágrafo: “Desejamos acentuar bem isto: o culto que a Igreja universal tributa hoje à Santíssima Virgem é derivação, prolongamento e acréscimo incessante daquele mesmo culto que a Igreja de todos os tempos lhe rendeu, com escrupuloso estudo da verdade e com uma sempre vigilante nobreza de formas. Da tradição perene, viva, em virtude da presença ininterrupta do Espírito e do contínuo dar ouvidos à Palavra, a Igreja do nosso tempo extrai motivações, argumentos e estímulo para o culto que presta à bem-aventurada Virgem Maria”.

Esta última “frincha” do Documento *Marialis Cultus*, nesse número 15, introduz nossa parcial conclusão, uma vez que, reparar o caminho de conhecimento sobre a Mãe de Jesus não se conclui, mas podemos afirmar, se faz necessário parar um pouco. Por muito tempo nos ensinaram que ser cristão é ser mariano “tudo por Cristo, nada sem Maria” – mais ou menos assim. Ou “pede à mãe que o Filho atende”. Eis a urgente necessidade de pararmos de pensar sobre ela. Assim afirma a parcial conclusão acima: “... com escrupuloso estudo da verdade e com uma sempre vigilante nobreza de formas...” É através de aprofundamentos teológicos com autoras e autores modernos, com a antropologia, com a sociologia e a exegese, é por onde avançamos na proposta sempre antiga e tão atual de dizermos: Quem é essa mulher! Na expressão do seu filho: “*Quem é minha mãe?*”

Com esta reflexão, *Acredito* ter entrado em algumas fendas, frestas...

*Espero* que todas/os, como Cora Coralina, tenhamos encontrado flores insistentes... ou como os garimpeiros nas “frinchas”, fratura da rocha que pode se estender por vários quilômetros, retirar o cascalho, em busca de diamante...

Então, não concluamos nada e, à luz de duas poesias sobre *brecha, frincha*, prossigamos na missão como liturgas e liturgos, com o olhar fixo em Maria, a mulher que ouviu e praticou a Palavra de Deus!



*Chega de te preocupar e ocupar com brechas/ trinchas frestas ou arestas, com o que não te interessa. Aprende a te permear, aponta, afronta, enfrenta. De frente a ponte do medo, descobre a fonte da festa, acha o segredo de merecer ser feliz à beça.*

Curia de poesia gaúcha

*Não deixe portas entreabertas  
Escancare-as,  
Ou bata-as de vez.*

*Pelos vãos, brechas e fendas passam  
Apenas semiventos meias verdades  
E muita insensatez.*

Flora Figueiredo.  
Caçada de Verão.

Nova Fronteiras Rio de Janeiro 1989.

Ir. Maria Monica, smr  
Caculé, Bahia

## II

### O SEGUIMENTO DE JESUS NO EVANGELHO DE SÃO MATEUS

A vida cristã é seguimento de Jesus, que se realiza na entrega amorosa e livre da vida a serviço do Reino. Durante séculos, o enfoque da perfeição animou e orientou muitas pessoas a se consagrarem na Vida Religiosa. Sentiam-se chamadas por Jesus para ser santas: “Sejam perfeitos como o Pai é perfeito” (Mt 5,48). Essa era uma interpretação reduzida do seguimento de Jesus, quando ainda não tínhamos a Bíblia em nossas mãos.

Em meio à escuridão do COVID 19, busco entender o sentido mais profundo da nossa vida cristã. Tomo o Evangelho de Mateus como uma lanterna para continuar caminhando na esperança da ressurreição, apesar das sombras da morte. Muitas mortes causadas por coronavírus, dengue, chicungunha, fome, violências, feminicídios, etc. Diante dessa noite tenebrosa que demora a passar, olho para o contexto da frase de Jesus: “Sejam



perfeitos como o Pai é perfeito” (Mt 5,48) e entendo que a perfeição que Jesus está pedindo é o amor sem medida, gratuito, pleno, despojado (Mt 5,43-48). A solidariedade amorosa é luz que brilha na escuridão do nosso tempo.

Ao ler com atenção o Evangelho de Mateus percebo que também as primeiras comunidades cristãs viviam em uma época muito difícil. O chamado de Jesus reunia e alimentava comunidades cristãs sofridas e perplexas, no século primeiro

d.C. É bom lembrar que a comunidade de Mateus era formada por judeus que acreditavam em Jesus como o Messias ansiosamente esperado. Mas, a fé em Jesus como Messias causou um doloroso confronto entre a comunidade de Mateus e as autoridades das sinagogas judias.

Além da crueldade do exército romano, a dureza de coração dos chefes religiosos escondia o rosto misericordioso do Deus de Jesus, fazendo com que a religião se tornasse um peso para o povo. A multidão de pobres e de pessoas consideradas impuras vivia cansada, sofrida, humilhada, excluída do acesso a Deus nas sinagogas. Nesse contexto, a comunidade de Mateus resgata a memória de Jesus comovido ao ver a multidão cansada e abatida, “como ovelhas sem pastor” (Mt 9,36).

Com sua terna compaixão, Jesus convida o povo a aproximar-se dele: “Vinde a mim todos vocês que estão



cansados sob o peso do seu fardo e eu lhes darei descanso” (Mt 11,28). A fragilidade daquelas pessoas provocava ternura em Jesus. Ele conhecia de perto as situações dolorosas de pobreza, fome, doenças e, sobretudo, conhecia a exclusão dos pobres, causada pelas exigências

das normas de pureza próprias do judaísmo farisaico. Olhando para aqueles rostos sofridos, Jesus faz um convite para que venham encontrar nele o descanso e a suavidade, pois Ele é “manso e humilde de coração” (Mt 11,28). Diante de tanto sofrimento, Jesus apresenta a leveza da sua proposta: “Meu jugo é suave e meu fardo é leve” (Mt 11,29).

Há uma gratuidade terna e misericordiosa nesse convite de Jesus. Um convite que faz ressoar as palavras carinhosas dos discípulos de Isaías ao povo cansado e abatido pelo trabalho

escravo, durante o exílio na Babilônia: “Atenção! Todos vocês que estão com sede, venham buscar água. Venham também os que não têm dinheiro: comprem e comam sem dinheiro e bebam vinho e leite sem pagar” (Is 55,1-3). A gratuidade deste convite acaricia o coração dos exilados. É uma palavra de consolo que nutre a teimosa esperança de quem não vê mais um horizonte, porque perdeu a perspectiva de futuro.

Hoje em dia, as comunidades cristãs enfrentam desencontros e desentendimentos. Alguns desses conflitos são causados por diferentes olhares e interpretações sobre o Deus de Jesus. Discursos religiosos, divulgados pelos meios de comunicação fazem uma leitura da Bíblia ao pé da letra, que geram ou mantêm preconceitos, intolerâncias, violências e discriminações. O desprezo pelos pequeninos é justificado por uma leitura fundamentalista da Palavra de Deus, cada vez mais utilizada para garantir privilégios pessoais e de grupos. Fazem exatamente o oposto do que fez Jesus. O contrário da prática da comunidade de Mateus, onde os pequeninos tinham um lugar central: “Aquele que se tornar pequenino como uma criança, esse será o maior no Reino dos Céus” (Mt 18, 1-4).

A realidade das pessoas que formavam a comunidade de Mateus era muito dura. Ela era formada, em sua maioria, por judeus e gentios migrantes, que tiveram que sair de onde moravam por causa das guerras. Mas, a comunidade de Mateus acredita que em seu meio está Jesus, o Emanuel. Nome que significa *Deus está conosco* (1,23). O sofrimento não destrói e nem divide a comunidade. Ela acredita que Deus está presente no meio dos pobres que sofrem e se unem, lutando unidos e determinados por justiça, tornando-se “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13-16).

Hoje, o Evangelho de Mateus nos inspira a seguir Jesus escutando a voz de mulheres violentadas e silenciadas, defendendo a vida de crianças refugiadas, migrantes, doentes, pessoas sem teto, fragilizadas, famintas, doentes. É na luta conjunta e solidária em defesa dos pequeninos que descobrimos a presença do *Emanuel* em nosso meio. Defender a vida

ameaçada realiza a justiça do Reino e expressa nossa fidelidade ao projeto de Jesus que rezava: “Eu te louvo, Pai, porque escondeste essas coisas aos sábios e doutores e as revelaste aos pequeninos” (11,25).

Além de colocar os pequeninos no centro da vida em comunidade, Mateus nos apresenta Jesus proclamando as bem-aventuranças. Ao afirmar que os pobres são felizes, Mateus está lembrando que a Boa Nova da justiça de Deus continua sendo realizada pelas comunidades que seguem a Jesus na entrega gratuita e amorosa para saciar sede e fome de justiça.

No texto das bem-aventuranças (Mt 5,3-12), Jesus afirma que os pobres em espírito e os perseguidos por causa da justiça são felizes, porque deles já é o Reino dos Céus” (5,3.10). Assim, a primeira e a última bem-aventurança identificam a comunidade de Mateus, formada por pessoas que seguem a Jesus Cristo, mas são tratadas como rebeldes pelos chefes das



sinagogas e pelos romanos. Na verdade, eles estão aflitos; têm sede e fome de justiça; são misericordiosos; promovem a paz.

Unidas no seguimento de Jesus lutam pela justiça e enfrentam a perseguição. São animados por corajosas mulheres que anunciam a Boa Nova da Ressurreição, experimentando tanto o medo como uma grande alegria (Mt 28,1-8).

Hoje em dia, a Vida Religiosa Consagrada e cada Comunidade de vida cristã torna-se “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13-14) na medida em que assume a realização de projetos que priorizam a vida indefesa. Através da gratuidade amorosa, estas comunidades podem ser sinais visíveis da presença de Jesus Cristo junto aos pequeninos e desprezados do nosso tempo. Entregar generosamente a vida em defesa das pessoas fragilizadas supõe a liberdade no Espírito. Uma liberdade que possibilita o esvaziamento despojado e a entrega lúcida, conjunta, continuada. No dom do Espírito, conseguiremos assumir que não se pode limitar ou condicionar o perdão, mas perdoar “até setenta vezes sete” (18,22). À luz do Ressuscitado descobriremos que, para segui-Lo precisamos perdoar sempre e não quebrar os laços de uma urgente e frágil fraternidade.

Cuidar das relações é fundamental para abrir espaços de uma criativa e coletiva solidariedade junto aos pobres. Na misericórdia e no amor, continuamos no seguimento radical de Jesus e receberemos um dia o convite mais decisivo da nossa

*vida: Venham benditos do meu Pai, porque tive fome e sede, estava desnudo e doente, forasteiro e preso, mas vocês me acolheram, visitaram e partilharam comigo aquilo que eu necessitava para viver (25,34-40)!*

*Ir. Mercedes Lopes mjc  
Belo Horizonte, Páscoa de 2020*

### III

#### A OFERTA DE SI PELO BEM DO PRÓXIMO

##### Uma tarde de espiritualidade na comemoração do 91º aniversário do nascimento ao céu da Venerável Irmã Maria Dolores Inglese

No dia 29 de dezembro de 2019, no Santuário-Centro Mariano de Rovigo, contemplando o *Olhar misericordioso da Virgem Dolorosa*, foi como acolher seu abraço materno que acalenta e conduz ao filho Jesus.



Com as palavras de Maria Inglese na sua *Autobiografia*: “Óh! Se a gente experimenta tanta felicidade diante de uma imagem de Maria, o que será vê-la desvelada no Paraíso?”. Também nós, diante daquela imagem bela e prodigiosa colocada sobre o altar, nos deixamos *olhar e inspirar* por ela...

Conhecer uma parte da *Autobiografia* de Maria Inglese, permitiu-nos aprofundar o que ela viveu e descobri-la, em alguns aspectos, muito perto de nós porque, de certo modo, um autêntico chamado à santidade nos une, nos faz pessoas livres e repletas da presença do Senhor.

“Finalmente me ocorria que devia escrever e, repetidas vezes, ouvia sussurrar as frases de modo que, em poucos minutos, o texto estava escrito. Óh! Como a minha querida Senhora supria a minha eficácia!”. A leitura destes textos, proclamados com um fundo musical, foi precedida por um momento forte de oração diante do túmulo da Venerável Maria Dolores.

Em seguida houve um encontro de formação na sala do Centro mariano, dedicada a ela. Foi uma linda apresentação, em *Power Point* que nos permitiu fazer memória de fragmentos da sua *Autobiografia* para interiorizar a oração e ajudar na reflexão, que resultou numa significativa partilha em grupos.

Somos muito agradecidas por esta tarde de



espiritualidade sobre o tema: “O zelo apostólico de Maria Inglese, fascinada pela Virgem Maria”!

Foi maravilhoso acolher o convite de Maria Inglese: “oferecer uma hora das próprias ações para reparar o mal e o sofrimento que existe no mundo” e também refletir sobre as perguntas:

- Que sentido de reparação podemos dar, hoje, ao nosso trabalho?
- Como podemos evangelizar o mundo do trabalho, e aprofundar o sentido da vida cotidiana?



Compreendemos que, trabalhar alicerçadas/os nos valores da honestidade, do silêncio, da paciência, da escuta, do sacrifício, da disponibilidade, ainda que na simplicidade do cotidiano, nossa ação torna-se uma oferta reparadora; hoje, particularmente, ouvindo as pessoas, compartilhando o fardo e os sofrimentos do ser humano fazendo-nos “*um*” com ele em modo real – não virtual –, no tempo presente – não no futuro –, na ação – não em palavras.

Deste modo, graças também ao nosso testemunho em relação às pessoas que aproximamos, poderão acolher a mensagem do amor por ter descoberto ou redescoberto, uma vida nova iluminada pelo Evangelho, para a qual fomos atraídas/os, porque assim foi pensada por Deus para todos os seus filhos e filhas.

Particularmente, nos detemos sobre a realidade de sofrimento que, vivida em todas as situações de incompreensões e de tentações, pode ser oferecida ao Senhor, a fim de que Ele a transforme e tudo concorra para o bem das pessoas.

Desejo que todos/as mantenham a condição de elevar-se no Espírito pela oração, para preencher o próprio coração do amor de Deus e, preenchidos/as deste amor, doá-lo aos outros!

Sim, é gratificante viver a Boa Notícia do Evangelho com alegria e irradiá-la sem medo, através do testemunho humilde, um gesto de acolhida, de ajuda, de fazer-se ponte na direção do outro, da outra. Desejamo-nos sempre um coração cheio de alegria!

*Silvia Andreotti, Ádria (Rovigo)*

**Para graças recebidas e informações, dirigir-se a:**  
**Serve di Maria Riparatrici – Postulazione**  
**postulazione@smr.it**

OU:  
**Servas de Maria Reparadoras**  
**Site: WWW.congregacaosmr.com.br**

(cf. *Riparazione Mariana*, 1/2020, Centro Mariano – Rovigo – Itália, p. 30-31).

## **Oração para obter graças e a glorificação de Irmã Maria Dolores Inglese**

Ó Deus, nosso Pai e Senhor,  
doaste à tua Igreja  
Irmã Maria Dolores Inglese  
que, na sua vida,  
contemplou assiduamente  
teu desígnio de amor,  
no qual quiseste a Mãe,  
associada em um místico  
martírio,  
junto à cruz do Filho.

Desta contemplação, ela  
tirou inspiração e motivo  
para cooperar com a vida, a  
oração, a ação,  
ao teu projeto de salvação e  
tornar-se  
uma incansável animadora  
da reparação mariana.



Nós te agradecemos por esta irmã na fé e te pedimos:  
dá-nos a seu exemplo, de servir com cuidadosa dedicação  
o grande mistério da dor e do amor presente na Igreja e no  
mundo;  
digna-te de glorificá-la nesta terra;  
concede-nos a graça que confiantes te pedimos ... (*pedir a  
graça*).

**Pai Nosso...**

*Com aprovação eclesiástica*